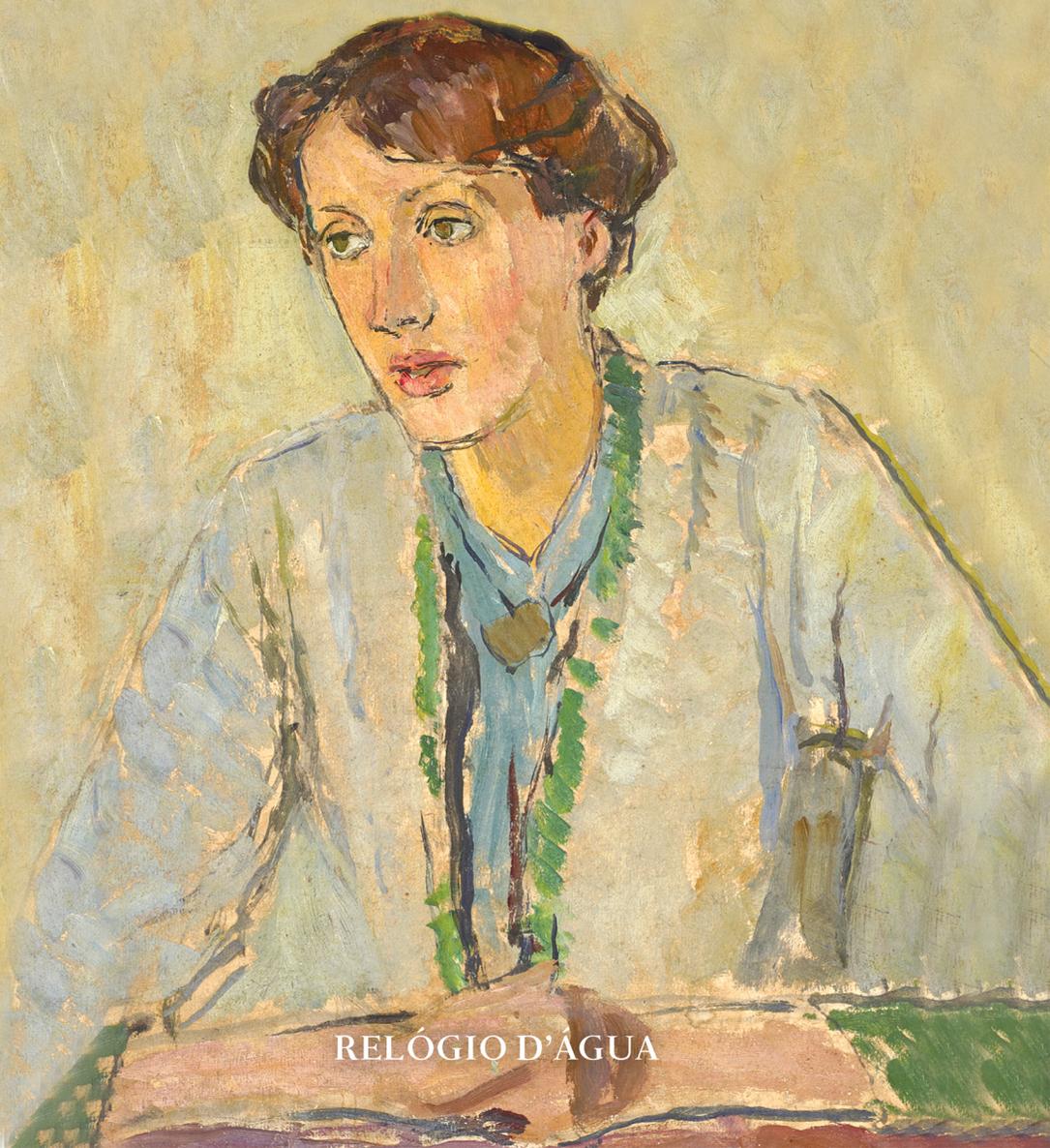


# DIÁRIOS VIRGINIA WOOLF

TRADUÇÃO E PREFÁCIO DE JORGE VAZ DE CARVALHO



RELÓGIO D'ÁGUA

Relógio D'Água Editores  
Rua Sylvio Rebelo, n.º 15  
1000-282 Lisboa  
tel.: 218 474 450  
relogiodagua@relogiodagua.pt  
***www.relogiodagua.pt***

Título: Diários  
Título original: *The Diary of Virginia Woolf* (1977-1984)  
Autora: Virginia Woolf  
Seleccção, tradução, prefácio e notas: Jorge Vaz de Carvalho  
Revisão de texto: Vanessa Domingos  
Capa: Carlos César Vasconcelos ([www.cvasconcelos.com](http://www.cvasconcelos.com))  
sobre retrato de Virginia Woolf (ca. 1912), de Vanessa Bell

© Relógio D'Água Editores, Março de 2018

Encomende os seus livros em:  
***www.relogiodagua.pt***

ISBN 978-989-641-836-6

Composição e paginação: Relógio D'Água Editores  
Impressão: Rainho & Neves, Lda. / Sta. Maria da Feira  
Depósito Legal n.º 439217/18

Virginia Woolf

# Diários

Seleccção, tradução, prefácio e notas de  
Jorge Vaz de Carvalho

Fora de Colecção

1923

*Terça-feira, 2 de Janeiro*

Se fosse dissimuladora dataria este dia como o último de 1922. Assim é para todos os efeitos. Voltámos ontem de Rodmell<sup>1</sup> e hoje estou numa das minhas marés, como lhe costumavam chamar as enfermeiras. E o que se passa, e porquê? Um desejo de filhos, suponho; da vida da Nessa; da sensação de flores brotando a toda a minha volta involuntariamente. Eis aqui a Angelica — eis aqui o Quentin e o Julian. Eles fazem a minha vida parecer às vezes um tanto vazia; e depois, o meu inveterado romantismo sugere a imagem de andar para a frente, sozinha, pela noite fora; de sofrer por dentro, estoicamente; de abrir o meu caminho até ao fim — e por aí adiante. A verdade é que as velas se agitam à minha volta durante um dia ou dois quando regresso; e, como não estão completamente esticadas, pondero e perco tempo. E tudo isso é temporário: mas deixai-me ser muito clara sobre isso. Deixai-me ter um confessor onde não preciso de me vangloriar. Há muitos, muitos anos, depois do caso Lytton, disse para comigo, subindo a colina de Bayreuth<sup>2</sup>: nunca finjas que não vale a pena ter as coisas que não tiveste; um bom conselho, creio. Pelos menos, volta a ocorrer-me muitas vezes. Nunca finjas que os filhos, por exemplo, podem ser substituídos por outras coisas. E depois continuei a dizer a mim mesma que devemos gostar das coisas por si mesmas: ou antes, desembaraçá-las da influência que têm sobre a nossa vida pessoal. Temos de pôr isso de lado; e aventurarmo-nos às coisas que existem independentemente de nós próprios. Ora, isto é muito difícil para uma mulher jovem fazer. Mas eu senti satisfação com isso. E agora, casada com o L., nunca *tenho* de fazer o esforço. Faço-o, se me dá prazer fazê-lo. Tenho sido talvez demasiado feliz para o bem da minha alma? Ter-me-ei tornado talvez cobarde e comodista? Não pude ficar ontem à noite no 46 [de Gordon Square], porque o L. manifestou desgosto ao

telefone. Até tarde outra vez. Grande insensatez. Estás mal do coração — e assim, minada a minha autoconfiança, não tive coragem de me aventurar contra a vontade dele. Depois, reajo. Claro que é uma questão difícil. Porque fico, sem dúvida, com dores de cabeça ou o sobressalto no coração, e depois isto estraga o prazer dele e, quando se vive com alguém, ter-se-á o direito... E assim por diante. E tentarei fazer os meus relatos do lado espiritual antes de atacar o temporal, só que, como é hábito, aos solavancos, de modo desconexo. Aos cinquenta anos, quando o reler, talvez saiba o que quis dizer.

A meia-idade, pois. Que seja esse o texto do meu discurso. Temo que estejamos a ficar velhotes. Andamos atarefados e damos importância às horas. Tenho a minha correspondência para acabar, diz hoje o L. Não me rio. Levo a sério. Mas não devemos deixar que os nossos passatempos e os nossos prazeres se tornem objectos de culto fetichista. Acho que o L. sofre da sua extrema lucidez. Vê as coisas com tanta clareza que não consegue nadar, flutuar e especular. E agora temos um tal comboio ligado a nós que temos de continuar. É mais fácil, pelo menos, fingir que existe essa pressão sobre nós. Mas a Nessa, que podia tão facilmente alegar laços e circunstâncias, cavalga muito mais livremente do que nós. Vai passar a Páscoa a viajar com os filhos, por exemplo. Nós temos de ganhar dinheiro — isso é verdade. Temos de ter uma casa; duas casas; duas criadas; uma editora; uma Thomson; um Ralph. Porém, muito disto é por minha causa; e serei honesta desejando que fosse de outra forma? Não sinto (sobretudo) que tenho de aliviar a pressão das circunstâncias para escrever? — que interrupções me importunam: põem matéria bruta no meu fogo?

Vou ficar isto por aqui, incompleto, uma nota de interrogação — significando um certo estado de espírito que se repete, mas não é frequentemente expresso.

Este é, pois, o fim de 1922.

### *Domingo, 7 de Janeiro*

Seja a cena de abertura nos degraus de entrada do número 50 de Gordon Square. Subimo-los ontem à noite, carregando as nossas malas e uma espada cingalesa. Estava lá a Mary H. de calças cor de limão com fitas verdes e, depois, sentámo-nos a jantar: galinha fria. Chegaram o Roger, o Adrian e a Karin; e, muito lentamente, pusemos uma cor nas faces e aprontámo-nos para o número 46. Foi o momento de maior orgulho da vida do Clive quando, levando a Mary num braço e a Virginia no outro, entrou na sala de estar, que estava cheia, numa miscelânea; e na maior parte oriental. Suponhamos que um pulso normal está a 70: em cinco

minutos ficou a 120: e o sangue, já não o fluido pegajoso e esbranquiçado de dia, mas brilhante e fervilhante como champanhe. Era este o meu estado, e o da maior parte das pessoas. Colidíamos, quando nos encontrávamos: estourávamos, tratávamo-nos pelos nomes próprios, elogiávamos e pensávamos (ou eu pensava) em Shakespeare. Pelo menos pensei nele quando se cantava — Sh[akespeare], pensei eu, teria gostado de todos nós esta noite. E um belga quer traduzir-me. O Arnold Bennett achame maravilhosa e... e... (sem dúvida que estes foram factores para a minha hilaridade). A Gumbo distorceu canções infantis; a Lydia dançou; houve charadas; o Sickert representou *Hamlet*. Estávamos todos à vontade, talentosos, amistosos e como crianças bem-comportadas premiadas por terem a capacidade de se divertirem assim. Poderiam fazê-lo os nossos pais? Eu, que usava as rendas da minha mãe, olhei para o rostozinho suave de gerbo da Mary, no velho espelho... e interroguei-me.

Diria que ninguém disse nada de muito brilhante. Como acontece às festas, esta começou a decrescer, até restarem só uns poucos conversadores persistentes, deixados por conta própria, sentados em posições bastante esquisitas. O Lytton e eu sentámo-nos lado a lado no sofá.

“E o que pensa da Tidmarsh Press?”, disse o Lytton.

E esta foi a sua maneira astuciosa de me dizer que o Ralph tenciona instalar-se, depois da Páscoa, por iniciativa própria, ou melhor, por iniciativa própria seguindo o modelo da Hogarth. O Lytton estava ansioso por me sondar. Acharíamos que era uma pilhagem? Eu disse que podia dizer coisas ásperas, mas que havia trabalho mais do que suficiente para duas editoras. A meio da noite, é claro, irritei-me e insultei o Ralph (isto é, de mim para mim) chamando-lhe carteirista. Mas o Lytton não foi de todo cortês. Ele é possessivo. O seu bebé irá ter o seu brinquedo e, desta vez, não o vai partilhar com mais ninguém. Bem... que assim seja. Não seremos derrubados pelo prestígio, poder e imponência nem de todos os condecorados com medalhas Benson de Inglaterra.<sup>3</sup> De facto, a luta é revigorante; mas não melhora a nossa opinião sobre aquele asno. A mim desagrada-me particularmente o efeito que tem sobre o Lytton. Lytton fica ciumento, desconfiado e usa a inteligência para fazer com que a pior das causas pareça a melhor. O amor é o diabo. Não há carácter que consiga lutar contra ele. Mas isto passou, à nossa maneira trivial do borbulhar de champanhe. E, assim, às 3, suponho, voltei ao n.º 50, para onde o Clive já tinha ido previamente.

É este o meu frontispício que, escusado será dizê-lo, tencionava fazer mais brilhante, mas, como a Nessa disse esta manhã, não é brilho o que eu pretendo. A única coisa que me interessa é sentir-me à minha vontade.

Agora, quero fazer brevemente a minha lista de trabalho. Vou escrever a *Mrs. Dalloway* até à próxima segunda-feira, talvez, dando-lhe plena voz, espero. Despacharei depois um artigo para o Squire sobre memórias<sup>4</sup>, que levará até segunda-feira, dia 29. Depois farei o capítulo grego, para o que terei de ler a *Odisseia* (6 livros), *Agamémnon*, *Rei Édipo*, Zimmern, o *Homero* de Jebb — a biografia de Jebb e um diálogo de Platão? Isto adia a escrita para muito mais tarde no dia; mas quero ganhar uma certa quantia de dinheiro regularmente, ainda que só para despesas miúdas. Por isso, tenho de acabar agora a Pilkington<sup>5</sup>; ler grego com regularidade: e, talvez, atacar outro vol. de Proust. Primeiro tenho, pois, de dominar o *Agamémnon* (refere-se isto ao momento imediato). E antes disso tenho de escrever à nova aparição, Vita, que me dá um livro dia sim dia não.

#### *Terça-feira, 16 de Janeiro*

A Katherine morreu há uma semana, e até que ponto estou eu a obedecer ao seu “decididamente, não se esqueça da Katherine”, que li numa das suas antigas cartas?<sup>6</sup> Estarei eu já a esquecê-la? É estranho reconstituir a evolução dos nossos sentimentos. A Nelly disse com o seu modo sensacionalista, ao pequeno-almoço, na sexta-feira: “Mrs. Murry morreu! Vem no jornal!” Perante isto, sente-se... o quê? Um choque de alívio?... Uma rival a menos? Depois, perplexidade por sentir tão pouco — depois, gradualmente, vazio e desapontamento; depois uma depressão a que não me consegui arrancar todo o dia. Quando comecei a escrever, parecia-me que não fazia qualquer sentido escrever. A Katherine não o leria. A Katherine deixou de ser minha rival. Mais generosamente, senti: mas embora seja capaz de fazer isto melhor do que ela, onde está ela, que era capaz de fazer o que eu não sou! Depois, como é hábito comigo, impressões visuais continuaram a chegar e a chegar diante de mim — sempre da Katherine a colocar uma grinalda branca e a deixar-nos, a ser chamada; dignificada; escolhida. E então tinha pena dela. E sentia-a relutante em usar essa grinalda, que era fria como gelo. E ela tinha só 33 anos. E podia vê-la diante de mim tão precisamente, e à sala em Portland Villas. Subo, ela levanta-se, muito lentamente, da mesa de escrever. Achavam-se ali um copo de leite e um frasco de remédio. Havia também pilhas de romances. Tudo estava muito arrumado, luminoso e, de certo modo, como uma casa de bonecas. De imediato, ou quase, perdemos a timidez. Ela (era Verão) meio deitada no sofá, junto à janela. Tinha o seu ar de boneca japonesa, com a franja penteada muito lisa sobre a testa. Às vezes olhávamos uma para a outra muito fixamente, como se tivéssemos

chegado a uma relação duradoura, independente das mudanças do corpo, através dos olhos. Os dela eram uns olhos lindos — muito como os de cão, castanhos, muito afastados, com uma expressão firme, lenta, bastante fiel e triste. O seu nariz era afilado e um pouco vulgar. Os lábios finos e duros. Usava saias curtas e gostava “de ter uma linha à volta”, dizia ela. Tinha um ar muito doente — muito abatido, e movia-se languidamente, arrastando-se pela sala, como um animal a sofrer. Suponho que escrevi algumas das coisas que dissemos. Creio que a maior parte dos dias alcançámos aquele tipo de certeza, ao falarmos sobre livros, ou melhor, sobre os nossos escritos, que eu pensava conter em si algo de duradouro. E, depois, ela era insondável. Gostava de mim? Às vezes dizia que sim — dava-me um beijo — olhava para mim como se (é isto sentimento?) os seus olhos quisessem sempre ser fiéis. Prometia nunca, nunca esquecer. Foi o que dissemos no fim da nossa última conversa. Disse que me mandaria o seu diário para eu ler, e que escreveria sempre. Porque a nossa amizade era uma coisa real, dissemos, olhando-nos directamente nos olhos. Perduraria sempre, acontecesse o que acontecesse. O que aconteceu, creio, foram atitudes mesquinhas e talvez mexericos. Nunca respondeu à minha carta. Porém, ainda sinto, de alguma maneira, que a amizade perdura. Ainda há coisas sobre a escrita que penso e que quero dizer à Katherine. Se tivesse estado em Paris e tivesse ido vê-la, ela ter-se-ia levantado e, em três minutos, estaríamos a conversar outra vez. Só que eu não podia dar esse passo. O ambiente — o Murry, etc. — e as pequenas mentiras e perfídias, os perpétuos jogos e provocações, ou o que quer que fosse, deu cabo de muita da substância da amizade. Estava demasiado incerta. E, assim, desisti. Mas esperava certamente que nos voltássemos a encontrar no Verão seguinte, e recomeçássemos. E eu tinha ciúmes da escrita dela — a única escrita de que alguma vez tive ciúmes. Isto tornou mais difícil escrever-lhe; e via naquela, talvez por ciúme, todas as qualidades que nela me desagradavam.

Durante dois dias senti que me tornara uma mulher de meia-idade, e que perdera algum estímulo para escrever. Aquela sensação continua. Já não continuo a vê-la com a sua grinalda. Já não tenho tanta pena dela. Mas tenho a sensação de que pensarei nela de tempos a tempos ao longo de toda a vida. Provavelmente tínhamos algo em comum que não voltarei a encontrar em mais ninguém. (Disse isto com todas as letras em 1919 repetidas vezes.) Além do mais, gosto de especular sobre o seu carácter. Julgo que nunca lhe dei crédito por todo o seu sofrimento físico e o efeito que deve ter tido em a tornar amarga.

*Domingo, 28 de Janeiro*

Tem-me remoído estes quinze dias uma certa melancolia. Dato-a da morte da Katherine. A sensação vem-me agora tantas vezes... Sim. Continuar a escrever, é claro: mas para o vazio. Não existe competidor. Sou o galo — um galo solitário cujo cacarejar nada quebra — do meu cercado. Mas depois tive a minha febre e uma forte constipação, ora ia à cama ora me levantava durante uma semana, e ainda não estou normal, creio. Quando lançares explicações, nunca te esqueças de começar pelo estado do corpo.

A K., relata-o o Ralph via Brett, morreu em 10 minutos de uma hemorragia, subindo a escada com o Murry, que por acaso estava lá. A Brett está “muito duramente afectada”, diz o Ralph. Em breve já não terei os ditos do Ralph para relatar. Isso faz-me melancólica? Como a maior parte dos meus sentimentos, este de o perder é misto. Não ouvimos mais nada sobre a Tidmarsh Press.

*Segunda-feira, 19 de Fevereiro*

Que interessante seria para mim se este diário alguma vez se tornasse um diário a sério: algo onde pudesse observar as modificações, seguir a evolução dos estados de espírito; mas depois teria de falar da alma; e não bani eu a alma quando comecei? O que acontece, como de costume, é que vou escrever sobre a alma e a vida se intromete.

Ao rabiscar isto, sou afastada da minha alma, que todavia me interessa. A minha alma revelou-se. Porque imagino que é a alma que comenta as visitas, relata os seus comentários e, por vezes, arma um tal rebulição nos departamentos centrais da minha maquinaria, que todo o globo de mim se reduz ao tamanho de um botão. Acho que esta redução é muitas vezes o resultado de falar com pessoas de segunda ordem. Elas fazem do mundo pechisbeque. Ora, com o meu querido Leo, essa depreciação é desconhecida.

Tivemos a visita surpresa dos Nicolson. Ela é uma safista declarada, e pode, diz a Ethel Sands, andar de olho em mim, apesar de eu ser velha. A natureza poderá ter aguçado as suas faculdades. *Snob* como sou, remonto as paixões dela a 500 anos atrás, e elas tornam-se românticas para mim, como um vinho velho e amarelo. Imagino que o travo já desapareceu. O Harold é pura e simplesmente uma fraude; veste casaco preto curto e calças de xadrez; deseja ser escritor mas, dizem-me, e eu acredito, não possui aptidões naturais. É a alma, como se vê, que está a construir todos estes juízos e a dizer, sentada à lareira, que isto não é do meu agrado, isto é de segunda ordem, isto é vulgar; isto é bonito, sincero,

etc. E como pode saber a minha alma? A minha alma diminuía, ai de mim, enquanto o serão ia decorrendo; e a contracção é quase fisicamente depressiva. Mas reflecto que sou a pia de 50 milhões de germes de pneumonia com uma temperatura muito abaixo do normal.<sup>7</sup> Assim, estas contracções são em grande parte físicas, não tenho dúvidas. E continuamos na incerteza. O Massingham voltou; mas o Maynard está em pé de guerra. O Massm. diz que se vai lançar agora a toda a velocidade. Tem de angariar dinheiro. Muito estranhamente, sou eu com o meu telefone quem serve de medianeira. E estou também a tentar puxar uns cordelinhos, para sentar o Tom como editor literário do *Nation*, e arredar a minha inimiga Miss Royde Smith. Se eu tivesse tempo, poderia detalhar as minhas actividades e vangloriar-me da minha importância. Sim, tornei-me adulta. Dou conselhos. Sou levada a sério; e isto já não me estremece de excitação. Sinto-me até um pouco maçada e gostaria que o coitado do Tom tivesse mais garra, menos necessidade de deixar cair as suas perplexidades angustiadas gota a gota tão delicadamente através de pura cambraia. Uma pessoa fica à espera; solidariza-se com os sentimentos; mas é um esforço desolador. Ele é como alguém prestes a quebrar — infinitamente escrupuloso, tautológico e cauteloso.

### *Terça-feira, 6 de Março*

Sem dúvida que tem sido um trimestre muito desagradável. A principal razão de queixa tem sido este caso do *Nation*, que pende sobre nós, levantado, depois baixando, como no momento actual — baixo e negro sobre as nossas cabeças. O Massm. vai-se a 7 de Abril: o nosso rendimento termina; o Maynard não nos fez uma proposta definitiva — mas isso, penso eu, está assegurado no que ao L. diz respeito. Mas isso são só 120 libras por ano e vamos ter de arranjar o resto, muito lamentavelmente, fazendo jornalismo, creio eu. Mas não é o problema do dinheiro que nos preocupa: mas algo psicológico. O pessimismo está mais do lado do L. do que do meu. O meu é um pessimismo como uma névoa que vai e vem. Sinto-me instável. Mergulho em círculos diferentes — e volto para casa ora exaltada ora deprimida. Depois, a questão social surge entre o L. e eu. Estamos a ficar “respeitáveis”? Adoro a tagarelice e a excitação das casas das outras pessoas. Não acabei de dizer que me deprime também? Convido pessoas para aqui demasiadas vezes. Em resumo, tenho de tomar o lado social nas minhas próprias mãos. Mas, de qualquer modo, quero tornar a vida cada vez mais preenchida.

Há agora mesmo uma sensação de frustração e futilidade, acho eu. Outra vez, em parte, devido ao *Nation*, não tenho dúvida; em parte... não

importa, digo eu; desde que tenha as garras na escrita estou salva. O Eliot também me desilude ligeiramente; é impertinente, lamuriento, egoísta; o que significa que a pobreza não lhe fica bem. Ele debica as cerejas. Mas rebusca e complica, faz-nos sentir que tem pavor da vida como um gato tem pavor da água. Mas se sugiro demasiado, põe as garras todas de fora. Ora, tendo em consideração a minha actividade a seu favor, tenho sem dúvida alguns dos sentimentos vis e paternalistas do benfeitor. É americano, diz o L.; isso é neurótico. Consultei o Bruce Richmond — outra prova da minha importância. Disse enfaticamente: “Não é a pessoa certa para o lugar.” Não posso deixar de concordar.

Mas vida, vida! Como desejo tomar-te nos meus braços e esmagar-te!

### *Sábado, 17 de Março*

Escrito, por milagre, às 10 da noite, com o L. a fazer o Tolstoi na mesa branca; a lareira muito quente e o meu cérebro saturado com a *Silent Woman*.<sup>8</sup> Estou a lê-la porque agora lemos peças no 46. O 46 tornou-se um centro. Por quanto tempo não se sabe, pois o casamento do Maynard aproxima-se. O 46 tem sido muito agradável para mim este Inverno. Há duas noites os Nicolson jantaram lá. Expostos à luz eléctrica os ovos mostram manchas escuras. Ou seja, achámos ambos incuravelmente estúpidos. Ele é uma fraude, ah, mas é tão óbvio; ela, como achou o Duncan, tomou-o como exemplo e não tinha nada independente para dizer. Estava lá o Lytton, flexível e subtil como uma velha luva de couro, para acentuar a rigidez deles. Foi um serão rochoso e escarpado.

E depois? Quanto à alma, fui humilhada pelo Squire. Enviei-lhe o meu artigo das memórias, perguntando as condições: ele aceitou-o, oferecendo 13 libras; 15 libras, disse eu, ou o meu ms. de volta; recebi-o na volta do correio. E agora aceito 13 libras — o que afinal talvez nem receba. Mas não me importo muito. E só penso que a pobreza e as mudanças a que nos obriga não nos fica bem, como já disse.

### *Sexta-feira, 23 de Março*

Não, não há muita razão de queixa. O L. acabou de entrar com uma proposta do Maynard para ser director literário do *Nation*. Bem, isto é que foi inesperado! Tenho eu andado a labutar estas três semanas para fazer o Eliot assumi-lo; por fim, esquivou-se; e é este o resultado. Sem dúvida que há desvantagens, mas isso, de momento, significa segurança, na verdade, luxo. E, para mim, abre interessantes perspectivas — mas aqui estou eu com os germes do tifo e sem conseguir escrever.

*Sexta-feira, 11 de Maio*

O longo intervalo merece umas linhas, visto que dificilmente o comemorei de outra forma. Ou não tivesse eu escrito com infinito labor, para o primeiro número do *Nation*, "To Spain".<sup>9</sup> Não estou eu sentada à espera que o L. "volte do escritório" como as outras esposas? Incomoda-me ser como as outras esposas. Ah, aí está ele! Não: que raio; apenas a Nelly que saiu. Como digo, não consigo falar da viagem, os Temple, Brenan, Espanha, Paris, etc. Fiquei em Paris com a intenção de enfrentar a vida. Sinto, cravo as esporas nos meus flancos e vejo-me a saltar obstáculos corajosamente. Pretendi usar este diário para me recompor de quinze dias de deboche de jornalismo, dos assuntos do *Nation*, etc. Tenho de elaborar um plano de trabalho.

Até agora, não sentimos o sangue do *Nation* como sangue nosso. Pode mudar nesse sentido. Trabalhamos arduamente nele. Tem tentações e atractivos. Como é que uns e outros contrabalançam as desvantagens ainda não sei. Gosto de ser eu a escolher os novos livros. A minha autoridade sobre a equipa dos críticos não é muito excitante. Sou um pouco malévola, talvez. As pessoas amontoam-se, chocam e esmagam-se por um trabalho. É ligeiramente divertido dizer, escusam de se ralar, não vou dar nenhum. Estive tantas vezes no lugar delas. Mas estes prazeres não são muito profundos. Receio, segundo parece, que as *Readings* tenham de ser de novo adiadas. Justamente agora, não me posso dar ao luxo de não aproveitar. Um artigo por mês pago a 15 libras ou algo assim. E isso ocupa precisamente o tempo que tinha para gastar com a escrita fora do meu romance. Porém, para retomar a estimativa do meu trabalho, acho que tenho de intercalar um tempinho de vez em quando para as *Readings*. Estou no capítulo grego (em leitura). Hei-de ler um pouco de grego? A minha ideia é que só posso esboçar o capítulo e tenho de o enriquecer eternamente de tempos a tempos. Ou hei-de mergulhar nos primitivos isabelinos, sobre os quais sou terrivelmente ignorante? O que aconteceu entre Chaucer e Shakespeare? Acho que isso me atrai como uma base. Toma notas, então; e, assim que se oferecer a oportunidade, precipita-te para os Paston e Chaucer. Podia ler *Troilus and Cressida*, mas não me apetece.

*Domingo, 12 de Maio [na verdade, 13 de Maio]*

O Morgan disse-me que quando ele e o Mortimer discutiram romancistas, no outro dia, concordaram que o Lawrence e eu somos os únicos dois cujo futuro lhes interessa. Pensam com entusiasmo no meu próximo livro, a que eu penso chamar *The Hours*. Isto encoraja-me. Curiosamente, sou elogiada pelos meus contemporâneos, ou mais novos; nunca pelos

mais experientes, que têm fama de descer tão generosamente dos seus pedestais com palavras de encorajamento.

*Segunda-feira, 4 de Junho*

Mas não sou capaz de descrever Garsington. Trinta e sete pessoas para o chá; um bando de rapazes não maiores do que espargos; andando às voltas para cá e para lá; cumprimentos, atenções e, depois, esta lama escorregadia — que é o que me interessa de momento. Domina-me uma aversão aos seres humanos — a sua falta de sinceridade, a sua vaidade. Uma conversa cansativa e bastante contaminada com a Ott., ontem à noite, é a base desta queixa — e depois, a mistura na minha mente de suavidade e doçura com desprezo e azedume. O egoísmo dela é tão grande. Volta sempre uma e outra vez ao mesmo assunto — isto é, a si própria. Mas, no sábado à noite, gostei dela. Isto estava tudo claro para mim há minutos, mas agora não o consigo escrever.

O Lytton e eu conversámos durante toda a viagem de comboio. Ele viu o templo grego de Segesta. E é isso que adoro nele — o seu entusiasmo pela beleza. Disse que era como Sófocles. Via-se o mar por entre as colunas. Depois, discutimos Shakespeare: ele disse que queria escrever sobre Shre. como dramaturgo; não como filósofo ou como poeta. Queria discutir os seus contrastes. A cena com Emília no *Othello*, por exemplo. E pode ser que escreva sobre *Lear* a partir deste ponto de vista. Está absolutamente feliz. Está apaixonado pelo Ralph. Porque não me permito ficar contente ao pensar no Lytton — tão verdadeiro, gentil, de espírito infinitamente vivo e humano? Raramente permaneço muito tempo em acordo perfeito com alguém. Mas neste momento penso que os meus sentimentos devem ser reservas.

Sackville-West lembrou-me uma empregada de loja impertinente. Têm todos os mesmo discurso podado e ágil, boas maneiras e uma insignificância total. O que me enerva é que estou a escrever isto aqui e falei de maneira tão diferente com a Ott. Estou subitamente muitíssimo interessada no meu livro. Quero lá meter o aspecto desprezível de pessoas como a Ott.: quero apresentar o carácter escorregadio da alma. Fui muitas vezes demasiado tolerante. A verdade é que as pessoas raramente se preocupam umas com as outras. Têm este insano instinto da vida. Mas nunca ficam apegadas a nada a não ser a elas mesmas. Mas estar bem e usar as forças para tirar o maior partido da vida é, sem dúvida, o maior divertimento do mundo. O que eu não gosto é sentir que estou sempre a tomar conta de alguém ou que tomam conta de mim. Não importa — trabalho, trabalho. O Lytton diz que ainda temos 20 anos à nossa frente.

*Quarta-feira, 13 de Junho*

A Nessa voltou e a temporada de Londres está, é claro, em plena actividade. Foi o que ajuiizei ontem, no Aeolian Hall, ao ouvir de um modo confuso a Edith Sitwell a vociferar por um megafone. Deveria estar a descrever os poemas da Edith Sitwell<sup>10</sup>, mas continuava a dizer a mim própria: “Realmente não compreendo... realmente não admiro.” A única ideia, ideia apresentável que formei, foi no sentido de que ela era monótona. Tem uma toada única no seu carrossel. E faz o verso manter rigorosamente o ritmo certo com a gaita de foles.

*Terça-feira, 19 de Junho*

Agarrei neste caderno com uma certa ideia de que poderia dizer alguma coisa sobre a minha escrita — o que foi motivada ao dar uma vista de olhos no que a K. M. disse sobre a *sua* escrita no *Dove's Nest*. Mas só dei uma vista de olhos. Falou bastante sobre sentir as coisas profundamente: também sobre ser-se puro, o que não irei criticar, é claro, embora pudesse muito bem fazê-lo.<sup>11</sup> Mas então o que sinto eu sobre a *minha* escrita? — isto é, este livro, *The Hours*, se for esse o nome. Devemos escrever a partir de um sentimento profundo, disse Dostoievski. E eu faço isso? Ou construo com palavras, amando-as como as amo? Não, acho que não. Neste livro tenho quase ideias de mais. Quero mostrar vida e morte, sanidade e insanidade; quero criticar o sistema social e mostrá-lo em funcionamento, na sua maior intensidade... Mas aqui pode ser pose minha. Estou a escrever *The Hours* a partir de uma emoção profunda? É claro que a parte da loucura põe-me de tal maneira à prova, faz a minha mente olhar tão desagradavelmente de esguelha, que mal posso encarar a ideia de passar as próximas semanas nisso. Não obstante, é um problema dessas personagens. Diria que é verdade, porém, que não tenho esse dom da “realidade”. Insubstancio, até certo ponto intencionalmente, não confiando na realidade — no que tem de reais. Mas avancemos. Tenho a capacidade para transmitir a verdadeira realidade? Ou escrevo ensaios sobre mim própria? Seja qual for a resposta a estas perguntas, no sentido pouco elogioso, ainda assim este entusiasmo permanece. Para ir ao fundo da questão, agora que estou de novo a escrever ficção, sinto a minha força fluir directamente de mim em pleno. Após uma dose de crítica, sinto que estou a escrever de lado, usando só um ângulo da minha mente. Eis a justificação; porque o uso livre das faculdades significa a felicidade. Sou melhor companhia, um ser mais humano. Todavia, penso que o mais importante neste livro é ir direita às coisas centrais, mesmo que elas não se submetam, como entretanto deviam, ao embelezamento da linguagem.

Para voltar a *The Hours*, prevejo que vai ser uma luta dos diabos. A concepção é tão estranha e tão imperiosa. Tenho sempre de forçar a minha natureza para me ajustar a ela. A concepção é certamente original e interessa-me imenso. Gostaria de o escrever sempre sem parar, muito rápida e furiosamente. Escusado será dizer que não posso. Ao fim de três semanas estaria esgotada.

Feita esta muito inadequada confissão sobre a alma, posso virar-me agora para o corpo — que é dinheiro, América e Mr. Crowninshield<sup>12</sup>. Fui convidada a escrever para a *Vanity Fair* e vão pagar-me, diz o Clive, 25 libras por 1500 palavras; recebo 15 libras do *Nation*; e há dois meses andava eu a vender artigos de 5000 palavras a Jack Squire por 13 libras. Gosta de se tornar famosa?, perguntou-me ontem a Marjorie. A verdade é que estou a ser empurrada, mas muita gente diz que irei durar, e talvez não dure. De modo que regresso ao meu velho sentimento de nudez como espinha dorsal da minha existência, que de facto é.

Mas de uma coisa estou absolutamente certa e confio-a aqui ao meu diário: temos de deixar Richmond e instalar-nos em Londres. Conheço tão bem os argumentos que não me dou ao trabalho de os escrever. Mas, quando as coisas me surgem assim de chofre, geralmente consigo-as, porque são então coisas que têm importância para mim. Resta converter o Leonard e, meu Deus, a mudanças — o horror — as criadas. Mas é assim a vida — nunca ficarmos sentados por mais tempo do que é nossa inclinação.

#### *Quinta-feira, 28 de Junho*

Pode ser assim a vida; mas duvido que alguma vez converta o L., e sento-me agora frustrada e deprimida a encarar uma vida gasta, muda e mitigada, nos subúrbios, justamente quando tinha pensado que podia por fim ir em frente a toda a velocidade. Porque as capacidades que possuo nunca mais se voltarão a juntar depois dos 40. E a mim preocupa-me deixar escapar a vida muito mais do que a ele, porque não é vida para ele no mesmo sentido que é vida para mim. Oh, poder entrar e sair das coisas facilmente, estar dentro delas, não na orla — indigna-me este esforço e desperdício. Mas metade do horror é o L., em vez de ser solidário, como eu supunha, pôr o velho e rígido obstáculo — a minha saúde. E eu não posso sacrificar a sua paz de espírito, ainda que o obstáculo seja certamente agora um peso morto que não posso deixar que continue a dominar os nossos poucos anos de vida — ah, reduzi-los aqui, com todos estes hiatos e abreviaturas! Sempre a apanhar comboios, sempre a perder tempo, ficar sentada aqui à espera que o Leonard chegue, passar horas de pé

em frente da caixa dos tipos com a Margery a perguntar para que serve tudo isto — quando, em alternativa, podia ir ouvir música, ou ver um quadro, ou descobrir qualquer coisa no Museu Britânico, ou ir à aventura no meio dos seres humanos. Às vezes, haveria simplesmente de percorrer a Cheapside. Mas agora estou amarrada, encarcerada, inibida. Tudo o que eu posso fazer é fingir que estou a escrever algo muito importante, ou a ler com vista a um livro que nunca irei escrever. (Estou a deixar a minha pena atirar-se ao papel como um leopardo sedento de sangue — e tenho de me lavar e de me vestir — por isso, daqui a uns anos, não olhes com demasiada severidade para este primeiro clamor, a expressão de muitos outros ainda não ouvidos.) Este é o cerne da minha queixa. Ser para sempre suburbana. Não creio que o L. se importe com isto tanto como eu. Mas depois, Senhor, quanto lhe devo! Quanto ele me dá! Mas, como digo, podíamos certamente receber da vida mais do que recebemos — não é ele demasiado puritano, disciplinador, não aceita, pelo nascimento e educação, uma drástica disciplina demasiado submissamente, ou melhor, com um autodomínio demasiado espartano? Existe, suponho, um elemento muito diferente em nós; o meu lado social; o seu lado intelectual. Este lado social é muito genuíno em mim. Nem penso que seja reprovável. É uma peça de joalheria que herdei da minha mãe — um prazer no riso, algo que é estimulado, não de modo inteiramente egoísta ou vaidoso, pelo contacto com os meus amigos. E depois as ideias pululam dentro de mim. Além disso, preciso agora para o meu trabalho de relações mais livres, relações mais amplas — e agora, aos 41, tendo feito algum trabalho, recebo o meu salário parcialmente em convites. Poderia conhecer pessoas. Em Richmond isto é impossível. Ou temos festas penosas com longos intervalos, ou dou as minhas saltadas frenéticas a Londres, e saio, culpabilizada, quando o relógio bate as 11. Mas devo lembrar-me de que o L. tem trabalhado muito arduamente: a situação actual tem de continuar até ao próximo Natal, e estar numa preocupação constante é fatal e cruel, e só torna mais difícil resolver a questão amigavelmente. Ainda assim, confesso que estou deprimida e frustrada.